

Resenha

“Onde você está nesta lama?”

Eguimar Felício Chaveiro

GONÇALVES, Ricardo Assis. *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*. Anápolis: Editora da UEG, 2024 (segunda edição; primeira edição: 2023). Uma edição em espanhol, sob o título *Crónicas de la minería en Brasil*, foi publicada pela própria Editora da UEG em 2024.



365

1. O autor e o texto

Já faz tempo que Ricardo Assis Gonçalves tem desenvolvido pesquisas, estudos, eventos e participado de uma intensa dialogia tendo como objeto a mi-

neração no Brasil. Mas o tempo de envolvimento com o tema não se situa apenas nos trabalhos acadêmicos, pedagógicos, científicos e em seu engajamento político. Nascido em Coromandel (MG), município reconhecido pelos garimpos dia-

mantíferos, membros de sua família, vizinhos e anônimos, lhe encheram de histórias mirabolantes envolvendo a cata de diamantes.

As histórias ouvidas na infância, muitas delas salpicadas de mistérios e de enredos extraordinários, além de povoarem a sua imaginação, acentuaram a sua forma de ver o mundo. Inspiraram o seu amor pela narração. O garimpeiro, sabemos, quase sempre é um narrador que perambula entre o que sucede no território do garimpo e no território de fantasias e devaneios. O garimpeiro sonha acordado e sonhando suporta o trabalho árduo, incerto e instável que efetua nos garimpos. O garimpeiro tal o literato necessita da imaginação como arte de sobrevivência.

Ricardo Assis Gonçalves se tornou uma referência brasileira em torno do encontro saudável e potente entre geografia e literatura. Ele mesmo, com sagacidade inventiva, criou o termo literogeografia na tentativa de defender essa premissa clássica dos estudos de literatura e linguística: palavras e mundos se enovelam e se casam em todas as situações humanas...

Como ambos tinham muitos interesses intelectuais comuns, um mínimo relacionamento entre eles poderia ter elevado ainda mais estas duas grandes figuras e, quiçá, influenciado de forma incontornável os rumos das ideias econômicas.

2. O livro em questão

Com 24 crônicas elaboradas por meio de uma unidade temática irretorquível, a mineração, os textos apresentados podem ser lidos pelo viés da estética literária como também pela análise geo-

gráfica. Sob o prisma de uma ordem sequencial, a primeira crônica demonstra a atenção do autor consoante ao modo pelo qual a mineração se tornou um tema de urgência do mundo contemporâneo.

Fora as disputas temáticas, próprias da organização acadêmica que impera no Brasil atual, o autor apresenta uma resposta totalizante para o que denomina “explosão de um tema”. O capitalismo contemporâneo, fadado à expansão inconsequente e predatória, devassa o planeta, imprimindo ao minério um sentido economicista.

Os diálogos com o vasto campo da Ecologia Política, com a Saúde do Trabalhador, com a literatura de Drummond, com a mitologia grega, com a obra de Saramago e de outros literatos, enriquecem a leitura da mineração. Ideias como “territórios fraturados”, “sofrimento ambiental”, “cercamento das águas”, “desastre ambiental”, aludidos pelo pensamento crítico que investiga o ambiente no Brasil e no mundo, se encontram com dimensões humanas, como o medo, o sonho, a ferida da morte, a saudade, as histórias pessoais e a opressão.

Entretanto, o que é mais alusivo, como indica o tema do livro, é o episódio de Brumadinho (MG). A pergunta – onde você está nesta lama? – incita os leitores, impaciente a consciência política de cada brasileiro, põe a mão no pacto perverso entre empresas mineradoras e o Estado brasileiro, grita por justiça. O autor não rodeia:

As implicações desse desastre-crime possuem escalas complexas, que tocam não só ambientes, paisagens e territórios, mas corpos que se tornaram guardiões de afetos e lembranças dolorosas... existências

enredadas num continente de saudades. Há mães, pais, filhos, amigos e vizinhos que, de repente, passaram a lidar com o vazio abissal de um abraço, um sorriso, uma companhia e um aperto de mãos (Gonçalves, 2024, p. 34).

De fato, o desastre-crime de Brumadinho (MG) é uma fotografia visceral das contradições da mineração e do país. O pedido do autor para não apagar esse triste evento da memória coletiva, aparece, no texto, como uma senha da luta dos trabalhadores brasileiros pela dignidade. Atesta também o que é central na literatura: perceber que todas as formas de luta passam pelo tirocínio da linguagem. Se não há luta sem o dizer, não há dizer fora da atenção literária. Especificamente, o gênero crônica é um olho aberto e atento aos eventos e às tramas vivas da linguagem de pessoas comuns. Literatos são escutadores; geógrafos são observadores sistemáticos.

Os trabalhos de campo nos territórios de lama-rejeitos em Brumadinho (MG) atiçaram a imaginação do autor; atiçaram também a sua índole política, a sua consciência e o seu olhar literário. Ao observar os bares vazios de Brumadinho, em interlocução com Paulo Mendes Campos e com vários literatos amantes de bares, foi possível ler os efeitos dos desastres nos espaços que deveriam ser ocupados para a celebração da alegria. Assim narra:

Na cidade toldada de tristeza e silêncio, lá estavam eles, os bares, contudo, varridos de pessoas e das conversas e alegrias que mobilizam. Como se vê, ainda que sejam emblemas das cidades e dos países, lugares de encontros surpreendentes,

podem estar vazios. Nem estes escapam da força de uma dor coletiva e de uma injustiça que teima em existir (Gonçalves, 2024, p. 49).

Mesmo sob a ferida da perda e da morte, o desastre deixou, na palavra do autor, “rios de histórias”. Ao ouvir pessoas do lugar, dramas, tragédias, desesperos, interrogações, amor ao lugar, adoecimento mental, e tentativas de continuar vivendo, foram sendo coletados como uma espécie de espólio literário. E como fonte o seu alinhavo reflexivo.

O pressuposto psicanalítico de que a dor exige a palpitação da linguagem, e a linguagem é o que se tem para enfrentar o trauma, é revelado em várias crônicas contidas no livro em questão. O próprio livro, ele inteiro, é uma voz de dor e de coragem.

3. O pacto entre a palavra e a experiência

Costuma-se dizer que a experiência só não basta. Sabe-se que ela é diversa, dinâmica, rica. Os trabalhadores como é o caso de Ricardo Assis Gonçalves e a imensa maioria dos brasileiros, possuem experiências ricas, incluindo lutas, sofrimentos, às vezes humilhações de classes, de raça, de gênero. Entretanto, há que se ter um vislumbre teórico ou estético para demorar-se na experiência, enxergar nela os nexos com agentes e variáveis que promovem as opressões.

As crônicas, inicialmente publicadas na Coluna Opinião do Multiplicadores de VISAT – da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ), estabelecem um pacto denso entre palavra e experiência em três conjunções: o do sujeito que viveu a

infância e vive a condição de adulto no Cerrado brasileiro; o do intelectual que pesquisa a mineração; e o do literato que funde geografia e narração ficcional.

Esse pacto, bem instruído de responsabilidade política, aberto ao diálogo com vários grupos de pesquisa, se cristaliza no livro com uma voz geográfica. Eis o geógrafo dizendo o que é geografia:

O geógrafo caminha com os pés na terra, os olhos nos horizontes e as interrogações entranhadas nas realidades social, política, cultural e econômica de cada lugar. Sua imagi-

nação transcende os sentidos imediatos e desenha constelações inteiras para retornar ao mundo tocando as coisas aparentemente insignificantes e ordinárias. Seu ofício arquiteta usinas de ideias e narrativas para explorar a pletora de imagens, símbolos, contradições e conflitos que palpitam em todo o território e em toda a sociedade (Gonçalves, 2024, p. 61).

Pois bem! Este é um livro de geografia. É um livro de literatura.

Eguimar Felício Chaveiro é Professor Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador do Grupo de pesquisa e extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira). Bolsista Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **E-mail:** eguimar@hotmail.com